

UNIVERSIDADE GAMA FILHO

LAYLLA PEREIRA DE TOLEDO

**CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO JUNGUIANO
NAS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS**

**Ribeirão Preto
2010**

UNIVERSIDADE GAMA FILHO

LAYLLA PEREIRA DE TOLEDO

**CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO JUNGUIANO
NAS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS**

Monografia apresentada à Universidade Gama Filho como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia.

Orientador: Odnéa Quartieri Ferreira Pinheiro

**Ribeirão Preto
2010**

LAYLLA PEREIRA DE TOLEDO

**CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO JUNGUIANO
NAS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS**

Monografia apresentada à Universidade Gama
Filho como requisito parcial para obtenção do
título de especialista em Psicopedagogia.

Aprovada em ____/____/____

Orientadora: Odnéia Quartieri Ferreira Pinheiro

Membro da Banca Examinadora: _____

Aos meus pais, com eterna gratidão.

À Luiz Fernando, amigo e companheiro.

À Natália e Luiz Eduardo, minha inspiração para este trabalho.

Aos pioneiros da Educação, pela dedicação e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Gama Filho pela oportunidade de enriquecimento das minhas competências e do meu conhecimento.

Agradeço também à todos os mestres e profissionais que passaram pela minha formação, contribuindo com seus conhecimentos e partilhando suas experiências comigo.

E pelo apoio incondicional, sou grata à minha família, pelas horas de paciência em que tiveram em suportar minha ausência.

A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob este aspecto, cultura é a consciência no grau mais alto possível.
(JUNG, 2008, p. 56)

RESUMO

TOLEDO, Laylla Pereira de. **Contribuições do pensamento junguiano nas práticas psicopedagógicas**. 2010. 56 fls. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia, Universidade Gama Filho, Ribeirão Preto.

Esta pesquisa foi realizada a partir de um estudo sobre a Psicologia Analítica de Carl G. Jung, e as contribuições que sua teoria pode oferecer à Psicopedagogia. O uso da tipologia e seus estilos cognitivos podem ser aplicados na construção de propostas de planejamento pedagógico, assim como no planejamento de intervenções psicossociais na instituição. O debate sobre o papel do educador e a busca por autoconhecimento revela a importância que sua ação pode ter na relação com o aluno, assim como no desenvolvimento da personalidade.

Palavras chaves: psicopedagogia, tipologia, estilos cognitivos, desenvolvimento de personalidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 TEMA.....	12
1.2 PROBLEMA	12
1.3 HIPÓTES	12
1.4 JUSTIFICATIVA	13
1.5 OBJETIVOS	14
1.5.1 Objetivo Geral	14
1.5.2 Objetivos Específicos	14
1.6 REVISAO DE LITERATURA	14
1.7 MÉTODO	15
1.7.1 Identificação das Fontes	15
1.7.2 Instrumentos	16
1.7.3 Aparatos de Pesquisa	16
1.7.4 Procedimentos	16
1.7.4.1 Coletas de dados.....	16
1.7.4.2 Análise de dados	16
2 FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	17
2.1 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	17
2.2 O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE.....	18
2.2.1 Consciente.....	20
2.2.2 Ego - Complexo de Identidade	20
2.2.3 Inconsciente Pessoal.....	21
2.2.4 Complexos.....	21
2.2.5 Inconsciente Coletivo.....	22
2.2.6 Arquétipos.....	23
2.2.6.1 Persona - arquétipo da adaptação.....	24
2.2.6.2 Anima e animus - arquétipo regulador do comportamento.....	25
2.2.6.3 Sombra - arquétipo do inimigo	26
2.2.6.4 Self - arquétipo da totalidade.....	27
2.3 O DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE.....	27
2.3.1 Tipologia.....	29
2.3.1.1 Atitude.....	30
2.3.1.1.1 Introversão.....	30
2.3.1.1.2 Extroversão.....	30
2.3.1.2 Função.....	31
2.3.1.2.1 Sensação - função perceptiva.....	32
2.3.1.2.2 Intuição - função perceptiva	32
2.3.1.2.3 Pensamento - função julgamento.....	33
2.3.1.2.4 Sentimento - função julgamento.....	33
3 EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	36
3.1 TIPOLOGIA E APRENDIZAGEM.....	36
3.1.1 Extroversão.....	36
3.1.2 Introversão.....	38

3.2 RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	40
3.3 EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	43
4 PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS REVISITADAS.....	47
4.1 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO.....	48
4.2 RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	49
4.3 CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL.....	50
4.4 RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA.....	52
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	53

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Configuração ego/consciente	20
FIGURA 2 – Configuração complexos/inconsciente pessoal	22
FIGURA 3 – Configuração arquétipos/inconsciente coletivo.....	24
FIGURA 4 – Configuração ego-self (identidade).....	27
FIGURA 5 – Estágios progressivos da separação ego-self durante o desenvolvimento infantil.....	28
FIGURA 6 – Estrutura cruciforme	34
FIGURA 7 – Exemplos de estruturas cruciforme	35

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Diferenças entre tipos extroversão e introversão	31
TABELA 2 – Diferenças entre tipos sensação e intuição	32
TABELA 3 – Diferenças entre tipos pensamento e sentimento	33
TABELA 4 – Os 16 tipos psicológicos	35
TABELA 5 – Funções de julgamento extrovertido nos alunos	37
TABELA 6 – Funções de percepção extrovertido nos alunos	38
TABELA 7 – Funções de julgamento introvertido nos alunos	39
TABELA 8 – Funções de percepção introvertido nos alunos	40

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa bibliográfica buscou identificar as contribuições que o pensamento do médico e fundador da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung, poderia trazer para as práticas psicopedagógicas.

Diante de um mundo que se atualiza constantemente nas questões tecnológicas, esse impacto faz-se presente nas relações humanas, que está deixando de ser física e pessoal, para se tornar virtual e muitas vezes, efêmera.

Jung enfoca em seu trabalho a importância do processo interativo e relacional para construção da capacidade de simbolização no homem. A pedagogia hoje privilegia o pensamento, a percepção, e o conceito, em detrimento de outros aspectos como o sentimento e a intuição. O conflito entre pensamento e sentimento, entre racional e irracional se intensificou de tal forma que os objetivos humanísticos da escola foram superados pela pretensão de formar seres humanos racionais e capazes de dominar a tecnologia. Domínio este que os distancia cada vez mais da sua humanidade, produzindo personalidades fragmentadas, que buscam no coletivo (religião, moda, drogas, culto ao corpo) algo que os complete.

Vive-se uma época de dissociação, e torna-se claro a necessidade de um debate sobre o assunto, pois é nesse contexto que Jung pode oferecer sua contribuição na Educação quanto à promoção do autoconhecimento e adaptação ao mundo. E não apenas isso, pois a Psicologia Analítica permite que todo o processo de desenvolvimento humano seja entendido sob as perspectivas cultural, interpessoal e nas instâncias da consciência e inconsciente.

O objetivo, de modo geral, era compreender a partir da perspectiva da Psicologia Analítica quais poderiam ser as suas contribuições no campo da Psicopedagogia e na sua práxis com o educando. Com isso, foi possível compreender os seguintes aspectos:

- a) explicar o desenvolvimento da personalidade e o processo de individuação;
- b) identificar quais os diversos estilos cognitivos de percepção e interação com o mundo (tipologia);
- c) caracterizar os papéis da educação integral e o educador a partir da relação ensino-aprendizagem com o educando;

- d) descrever formas de intervenção psicopedagógicas a partir de uma ampliação do foco do Psicopedagogo para um conjunto maior de habilidades humanas, que contempla a diversidade de estilos cognitivos.

Esse debate entre Psicologia Analítica e Educação traça as contribuições que o processo educacional instaura nos indivíduos, e que é responsável pela formação social da criança, da construção de laços afetivos no meio social, da sua identidade, enfim, da sua personalidade. Sendo assim, o processo de desenvolvimento humano vivencia na educação um momento crucial sob inúmeras definições. Conhecer como se dá esse desenvolvimento é encontrar novos caminhos para que intervenções sejam feitas no campo da aprendizagem e dos seus problemas.

1.1 TEMA

As contribuições do pensamento junguiano nas práticas psicopedagógicas.

1.2 PROBLEMA

As reflexões anteriormente dispostas na introdução deram margem a pergunta: “Como a proposta junguiana poderia contribuir com o processo educacional através da relação professor-aluno e escola-aluno?”

1.3 HIPÓTESE

A Psicologia de Jung, a partir de seus conceitos de desenvolvimento humano, poderia contribuir com a Psicopedagogia no sentido de reintegrar razão e imaginação, equiparando o pensamento lógico com o pensamento simbólico. Dessa forma, possibilitaria estimular a sensibilidade dos educandos, na direção da educação emocional e na busca da totalidade.

1.4 JUSTIFICATIVA

A importância do tema estaria nas contribuições que a Psicologia de Carl G. Jung pode trazer para o campo da Educação, na tentativa de contribuir com novas ferramentas de manejo sobre situações que interferem no processo de aprendizagem e na formação do indivíduo e do seu papel social.

A escola é a primeira parte do grande mundo real, e ela deve ajudar a criança a desprender-se, até certo ponto, do ambiente da casa paterna. E para que isso aconteça, a escola e o professor precisariam reconhecer a sua função na constituição desse sujeito, não no aspecto cognitivo e social apenas, mas na sua personalidade e individualidade.

O êxito do ensino não dependeria do método, mas contribuiria para que as crianças tornem-se adultos críticos, maduros e preparados para conviver em grupo, atendendo e respeitando as necessidades individuais e sociais dos outros.

O mundo das grandes corporações e suas ideologias interferem na forma como a escola está preparando esses futuros adultos para o mercado de trabalho. O lucro, a massificação das classes trabalhadoras, a globalização das tecnologias e culturas, modificou a sociedade, seus valores e as formas de se relacionar. E como evitar que a sociedade se torne fria e insensível para as questões sociais e humanas? Como criar um espaço para o desenvolvimento psíquico e emocional, resgatando através da interação entre professor-aluno, a humanização e o respeito aos direitos humanos?

Dessa forma, vê-se a importância da questão constitutiva do educando dentro da escola, nas relações e interações sociais que ela possibilita, contribuindo com a saúde mental e emocional do sujeito, permitindo sua atuação crítica e consciente no meio social.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Era identificar novas propostas de intervenção psicopedagógicas que auxiliassem na formação da consciência e da personalidade do educando.

1.5.2 Objetivos Específicos

- a) Valorizar a criatividade através do respeito à singularidade do educando;
- b) Compreender o processo interativo e relacional entre professor-aluno e escola-aluno no desenvolvimento cognitivo e das habilidades sociais;
- c) Buscar formas de estimular o autodesenvolvimento do educando através dos canais intuitivo e emocional;

1.6 REVISÃO DE LITERATURA

Uma pesquisa realizada por Furlanetto (2004) adentrou no campo simbólico, percebendo que a dimensão simbólica permitia explorar em alguns aspectos pouco explorados da prática pedagógica. Através dos símbolos, ela fez uma leitura do processo de estruturação da escola, leitura que permitiu ir além do aparente. A análise do material recolhido através de entrevistas e do resgate da memória dos alunos, procurou observar os símbolos que estruturavam esse processo; percebendo novas possibilidades no que se refere à capacitação docente. A partir da análise realizada, detectou-se que o sujeito, para aprender, necessitava de pensar, identificar, classificar, observar, aplicar, e de outras mais habilidades cognitivas, mas necessita também de relacionar, fascinar-se, sentir, sonhar, imaginar, vivenciar, indiscriminar-se, significar, re-significar, elaborar, ler indícios, habilidades muitas vezes pouco estimuladas pela escola.

A recuperação das histórias de vida dos alunos “indisciplinados” levou a executar outro movimento que dissesse respeito à recuperação das histórias de vida dos professores. Cada um escreveu um relato a respeito de sua trajetória, procurando recuperar alguns momentos responsáveis pelo professor que é hoje, de como foi fazendo suas escolhas pessoais e profissionais para ser quem são. Dessa forma, os professores conectaram-se com aspectos de suas matrizes pedagógicas, que os fez aproximá-los mais dos alunos, ao descobrir seus medos de provas, ao lembrar professores de quem gostavam ou que os paralisavam, de suas brincadeiras infantis, de seus sonhos e do que possibilitou realizá-los ou do que os impediu de alcançá-los. Com isso, eles ficaram mais disponíveis para se aproximar dos alunos.

Analisando o material recolhido, algumas crianças, ao serem ouvidas pareciam deixar o lugar de excluídas e se autorizavam a pertencer à comunidade humana. Pareciam necessitar de que alguém testemunhasse suas vidas para se sentirem pertencentes ao mundo.

Sendo assim, verifica-se a importância do estudo da educação como prática simbólica, por organizar a sociedade em grupos, criando redes de significados e vínculos. Por isso “a educação é uma prática simbólica basal que sutura as demais práticas simbólicas” (TEIXEIRA, 2008, p. 27).

1.7 MÉTODO

O método adotado foi a pesquisa bibliográfica. Portanto, essa pesquisa descritiva-qualitativa não necessitou da observação de uma amostra composta por sujeitos. Em contrapartida, adotou-se o uso de algumas fontes de consulta.

1.7.1 Identificação das Fontes

Foram adotadas como fontes de informação as obras de fundamentação teórica Carl G. Jung, além de outros.

1.7.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram apontamentos, resumos e fichas das obras consultadas.

1.7.3 Aparatos de Pesquisa

O recurso empregado na coleta e tratamento dos dados foi um computador com os programas do Pacote Office, para a organização das informações e a realização da Monografia Final.

1.7.4 Procedimentos

1.7.4.1 Coleta de dados

- a) Localização dos dados nas fontes indicadas, realizando uma leitura da bibliografia pertinente ao tema;
- b) Documentação dos dados relevantes no formato de resumos, apontamentos e fichas.

1.7.4.2 Análise de dados

- a) Articulação teórica da obra de Carl G Jung com os dados coletados.
- b) Análise dos dados numa abordagem dialética.
- c) Conclusão da pesquisa com redação da Monografia Final.

2 FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

2.1 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Carl Gustav Jung nasceu a 26 de julho de 1875 (JUNG, 2006), em Kesswil, aldeia pertencente ao cantão da Turgóvia, Suíça. Cresceu nos arredores de Basiléia, onde fez todos os seus estudos. Filho de pai religioso, pastor protestante, e de uma mãe que demonstrava duas personalidades. Uma convencional, que correspondia a esposa de pastor, e a outra, investida de estranha autoridade e misteriosa. A escolha de sua profissão não lhe foi fácil, pois seus interesses variavam nos campos da arqueologia e as ciências naturais. Ao decidir pela Medicina, ganhou uma bolsa da universidade, pois a família não tinha posses para custear seus estudos. Mas seus interesses pela filosofia compartilhavam seu tempo de estudo. Na especialização médica optou pela Psiquiatria.

Ao concluir seus estudos, mudou-se para Zurique em 1900 e assumiu o cargo de segundo assistente do Hospital Burgholzli. Em 1902 já era primeiro assistente e defendia sua tese de doutoramento. Em 1905 já assumia o posto abaixo de Bleuler na hierarquia do hospital, trabalhando ao dele incansavelmente. O pesquisador original fazia experiências sobre associações verbais para esclarecimentos da esquizofrenia, que o levou ao método de exploração do inconsciente – descoberta dos complexos afetivos.

Somente em 1907, Jung teve seu encontro com Freud, numa visita que durou trezes horas de conversa. Nesse momento, Freud viu em Jung um homem adequado para conduzir a sua Psicanálise para além do reduto judeu. Essa relação durou até 1912, com intensa colaboração entre ambos. Em 1910 Freud usou de sua influencia para que Jung fosse eleito presidente da Associação Psicanalítica Internacional, o que ocorreu com sucesso. Mas em 1912, com a publicação do livro de Jung (Metamorfozes e Símbolos da Libido), marcou ali uma diferença doutrinária e divergências que os separaram.

Jung casou-se em 1903 com Emma Rauschenbach (1882-1955), aonde teve cinco filhos. Mas com o rompimento de Freud, uma nova fase iniciou-se. Ele renunciou ao cargo de psiquiatra do Hospital de Burgholzli e abandonou a carreira universitária.

Esse período de solidão permitiu que vivências interiores ativassem seu inconsciente, o que lhe possibilitou estudar o assunto, através da interpretação de seus sonhos. Seus estudos e observações o levaram a conclusão que a o homem busca a realização de algo, a realização de uma personalidade total, conhecido como “processo de individuação”. Durante essa pesquisa, continuou seu trabalho profissional de médico, atendendo seus pacientes para sustentação da família.

Em 1920 publica *Tipos Psicológicos*, obra prima sobre as questões da relação do homem com outros homens, com as coisas e o mundo (JUNG, 2008a). O que se seguiu a isso foram observações clínicas referentes ao estudo do Inconsciente Coletivo e Arquétipos, primeiro sob forma de conferências e depois, como livros.

Em 1935 apresentou nova descoberta: sobre o simbolismo dos sonhos e o processo de individuação, assim como a alquimia. Nos seus estudos, a alquimia era a projeção sobre a matéria de processos que estavam ocorrendo no inconsciente. A partir disso, ele traçou sua correlação e a psicologia analítica encontrou sua contraparte histórica.

Muitas obras se seguiram depois disso, e em 1961, aos 86 anos faleceu em virtude de um enfarte. Suas cinzas foram depositadas no túmulo da família.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

A psicologia analítica (MEDNICOFF, 2008) entende o desenvolvimento da personalidade como algo herdado dos ancestrais, e desenvolvido através de gerações. A personalidade pode ser vista como um produto construído através do tempo, e passado de forma filogenética para seus descendentes. Isso qualifica os fundamentos da personalidade como primitivos, arcaicos e universais.

Para Jung (1984a), os processos inconscientes se transformavam e provocavam transformações, como que conduzindo a uma evolução e um crescimento dos fatores psíquicos da pessoa. Esse movimento parecia estar direcionado, ou seja, sendo conduzido por algo.

O que se procura aqui é a maneira de tornar os conteúdos do inconsciente que estão sempre prestes a interferir em nossas ações, e, com isto, evitar justamente a intromissão secreta do inconsciente, com suas conseqüências desagradáveis. (JUNG, 1984a, p. 11)

Ele identificou que essa aproximação se dava na busca em direção ao si-mesmo, ou *self* – o centro psíquico do ser. O *self* é considerado o centro regulador de todos os recursos internos, tanto conscientes como inconscientes. E este processo de evolução, que direciona o desenvolvimento da personalidade, é denominado como “processo de individuação”.

Uma pessoa como um todo é composto por partes fragmentadas que devem se unir pela experiência e pelo aprendizado. O resultado final é um indivíduo específico e íntegro, único, original e inteiro; que integra todas as possibilidades e todos os recursos aprimorados até então.

A personalidade é composta por diversos níveis de estrutura psíquica e pode-se entender por psique todo o aparelho psíquico, a totalidade das funções psíquicas e o deslocamento da energia no processo de individuação. Ele engloba os processos presente no inconsciente pessoal, na consciência e no inconsciente coletivo. É na psique que estão o *self*, centro da psique, e o ego, centro da consciência. E entende-se por personalidade o todo de um ser, isto é, a dimensão psíquica humana.

O conceito de energia de Jung privilegia a noção de processo psíquico: não dá privilégios à patologia nem a infância pessoal (teoria de Freud). Seu conceito energético tem uma visão finalista, desenvolvimentista, considerando a energia vital como sendo polimorfa, neutra:

A teoria evolucionista não pode prescindir do ponto de vista finalista, e o próprio Darwin trabalha com conceitos finalistas, como o da adaptação, etc., conforme frisou bem Wundt. Jamais se conseguirá explicar exhaustivamente o fato palpável da diferenciação e da evolução, recorrendo à causalidade, pois elas exigem o ponto de vista finalista que o homem elaborou no decurso de sua evolução, da mesma forma que o causal. (JUNG, 1984b, par. 42)

Para compreender como se dá o processo de desenvolvimento da personalidade, é preciso adentrar nos conceitos de JUNG (2008a, 2008b, 1984a, 1987) sobre as principais estruturas da psique.

2.2.1 Consciente

A mente consciente é capaz de discriminar, de controlar os instintos, permitindo que o homem se adapte de forma adequada. De forma geral, os processos psíquicos são de origem inconsciente, mas quando um foco de luz incide sobre ele, ele torna-se consciente.

2.2.2 Ego - Complexo de Identidade

Ele é o centro da consciência. É por meio dele que nos relacionamos com o meio externo. Qualquer conteúdo psíquico, para se tornar consciente, precisa necessariamente se relacionar com o ego. Ele é o sujeito de todos os atos pessoais da consciência, responsável por nossos sentimentos de identidade pessoal, manutenção da personalidade, da sua continuidade além do tempo, e da mediação entre os campos conscientes e inconscientes, assim como dos testes de realidade.

Ele é o responsável por todas as adaptações da pessoa ao seu meio, e se contrapõe a qualquer coisa que possa ameaçá-lo. Ele é considerado uma instância na psique diretamente ligada a uma instância superior – *self*.

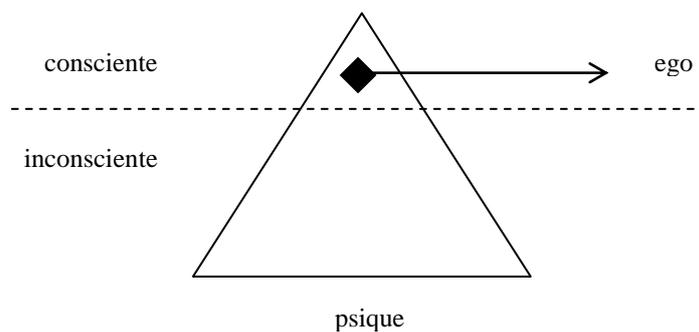


FIGURA 1: Configuração ego/consciente

2.2.3 Inconsciente Pessoal

Ele contém conteúdos inacessíveis ao ego, e sua existência está *a priori* em relação à psique. Seu funcionamento é dinâmico e criativo, além de armazenar conteúdos de experiências vividas, desejos, instintos reprimidos.

O inconsciente pessoal é a camada mais superficial de conteúdos. Sua separação com o consciente é tão tênue que ambos acabam interagindo. Os conteúdos arquivados são os que, em algum momento do desenvolvimento da personalidade, não combinaram com as tendências da consciência e foram reprimidos. Nele é possível encontrar as percepções subliminares, memória e os complexos.

De modo geral, os conteúdos do inconsciente pessoal tem fácil acesso à consciência quando surge a necessidade de lembrar algo, por exemplo.

2.2.4 Complexos

São conteúdos importantes e que participam ativamente da vida psíquica, pois através deles é possível acessar o inconsciente. Eles são responsáveis pelos sonhos e sintomas. Sua constituição está baseada na configuração de pensamentos carregados de emoção, e que com o passar dos tempos, agrupam-se ao redor de um arquétipo.

Sendo assim, o núcleo do complexo é sempre um arquétipo, e todas as idéias ou emoções relacionadas a este arquétipo vão se acumulando em volta do núcleo, formando o complexo. Devido a essa configuração, o complexo pode atuar como uma entidade autônoma na psique, e quando ele está estruturado sob um trauma ou choque emocional/conflito moral, quando ele irrompe para a consciência é capaz de romper parte da psique, desestruturando-a.

Portanto, quando não temos conhecimento dos complexos que regem um indivíduo, manifestando-se inconscientemente, o complexo atua livremente, podendo fazer o ego de refém. Nas situações em que ocorrem alterações comportamentais e da consciência, que não são comuns ao indivíduo, e sem motivo aparente, pode-se dizer que é uma manifestação da “possessão” que o complexo faz sobre o ego.

Mas os complexos não são em si negativos. Eles apresentam-se como um nó de energia psíquica – libido, e podem concentrar temas relacionados à maternidade, à nutrição e ao cuidado, etc.

Existem inúmeros complexos na psique, os mais comuns são aqueles como o complexo materno, paterno, de poder, de inferioridade, de superioridade, etc. O ego também é um complexo, conhecido como complexo do ego, pois ele é formado de percepções gerais do corpo e da própria existência, seguido dos registros da memória. Porém, ele é diferente dos outros, pois se coloca no centro da consciência e atrai para si os demais conteúdos conscientes, visando o busca pela totalidade – processo de individuação.

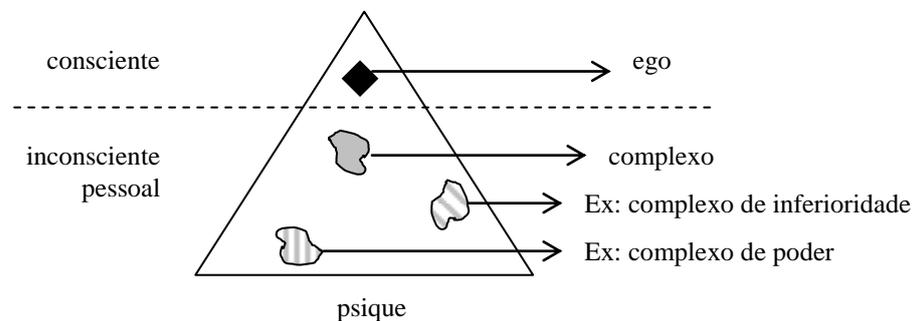


FIGURA 2: Configuração complexos/inconsciente pessoal

2.2.5 Inconsciente Coletivo

Representa a camada mais profunda da psique, sendo o depósito de traços herdados dos ancestrais do homem. Nessa camada existem as imagens virtuais, comuns a todos os seres humanos, como referenciais prontas a serem concretizadas mediante experiências reais. Apresenta-se como universais, e todos os seres humanos tem acesso ao mesmo inconsciente coletivo.

Essas imagens são predisposições ou potencialidades no experimentar e no responder ao mundo, tal como os antepassados. Na qualidade de herança comum, transcende todas as diferenças de cultura, e consiste de disposições latentes para reações idênticas. Deste modo é possível explicar a analogia entre os temas míticos e símbolos, e os homens em geral. Seus conteúdos não dependem da experiência pessoal, e eles jamais foram conscientes no período da vida de um ser, refletindo-se nos processos arquetípicos. Porém, seu conteúdo precisa de experiências reais para se manifestar, já que são predisposições latentes.

Apesar de fazer parte da mesma sociedade e processo civilizatório, quanto mais o ser se submete ao processo de individuação, mas ele se diferenciará em sua conduta em relação às normas, padrões, regras, costumes e valores coletivos. O ser representa, então, uma combinação única dos potenciais existentes no coletivo.

Tudo o que uma pessoa aprende como resultado de experiências é influenciado pelo inconsciente coletivo, que exerce ação orientadora no início da vida. Sendo assim, o ser nasce com predisposição para pensar, sentir, perceber, de maneiras específicas. O desenvolvimento dessas predisposições vai depender das experiências vividas pelo ser. Quanto maior o número de experiências, maiores são as chances de essas imagens latentes tornarem-se manifestas, e um ambiente rico em oportunidades é necessário ao processo de individuação.

2.2.6 Arquétipos

São traços funcionais do inconsciente coletivo. As situações típicas da vida e a repetição delas gravaram estas experiências na constituição psíquica do ser, somente como formas sem conteúdo, que representam possibilidade de determinado tipo de percepção e ação.

Eles não são passíveis de serem observados, mas se apresentam como imagens que se repetem por toda a história, como a imagem da Mãe, do Pai, do Herói, etc. Essas imagens são promovidas pelo inconsciente coletivo e são imagens primordiais, pois são peculiares à espécie. Eles podem ser percebidos em comportamentos externos de experiência básica da vida (nascimento, maternidade, morte, separação). São se materializam, mas são representados simbolicamente.

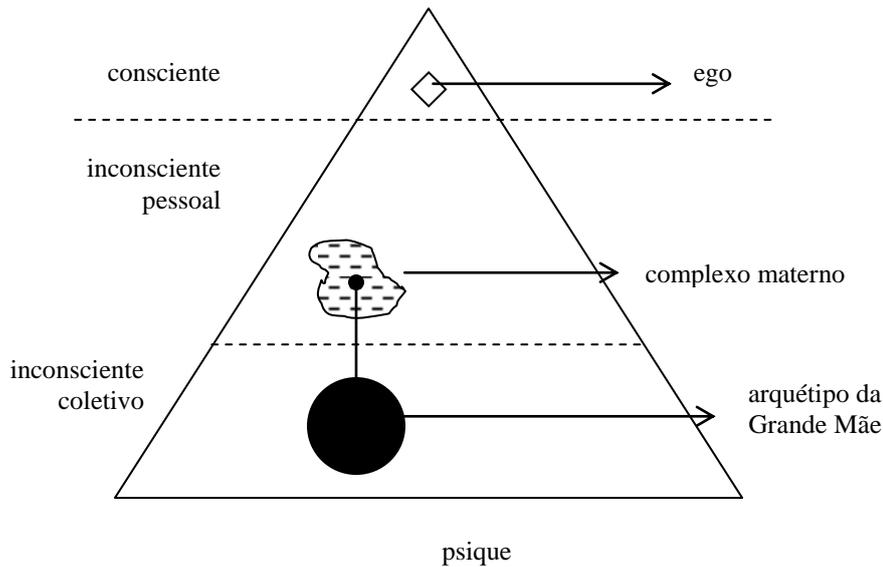


FIGURA 3: Configuração arquétipos/inconsciente coletivo

No centro de um complexo está o arquétipo, que atrai experiências relacionadas a ele (tema). A energia psíquica que se expressa por meio do arquétipo é dupla: contém os aspectos positivos e negativos. Esses dois pólos podem ser escolhidos pela consciência como “possibilidades” de comportamento. Mas a posição unilateral de um dos pólos representa uma polarização, denominada “sombra”.

A capacidade da consciência de sustentar os paradoxos e conviver com os pares de opostos indica uma saúde psíquica e postura emocional saudável. O arquétipo que faz parte do inconsciente coletivo participa da vida da consciência por meio das experiências que estão associadas a ele, onde podem ser analisadas e elaboradas.

Os principais arquétipos estão descritos a seguir.

2.2.6.1 Persona - Arquétipo da Adaptação

É a máscara usada pelo indivíduo em resposta à sua necessidade de desenvolver características básicas de adaptação social. É o arquétipo da adaptação. Ela é exibida de maneira a facilitar a comunicação com o mundo externo e a sociedade. E como qualquer arquétipo, ela possui os dois lados, auxilia na convivência com a sociedade e denota uma

aparência de segurança quando desempenha o papel que lhe é esperado (papel de mãe, de esposa, de profissional). Mas o perigo está no sujeito se identificar com o papel desempenhado, sendo possuído pela persona, tornando-se uma pessoa difícil e rígida.

A persona serve também de proteção contra as características internas, das quais a pessoa não gosta e quer esconder. Para o desenvolvimento saudável, é preciso aprender a distinguir a persona e encontrar sua verdadeira identidade, a personalidade profunda – o *self*. O uso excessivo da persona configura-se patologia.

2.2.6.2 Anima e Animus - Arquétipo Regulador do Comportamento

Assim como a persona é mediador entre o ego e o mundo externo, o anima e o animus são mediadores entre o ego e o mundo interno, formando o equilíbrio. A persona se ocupa com a adaptação ao coletivo, já a anima e o animus ocupa-se de adaptar àquilo que é pessoal, interior e individual.

O arquétipo do anima é o lado feminino da psique no homem. O arquétipo do animus é o lado masculino da psique na mulher. Ambos possuem aspectos do sexo oposto no aspecto psicológico, mediante a expressão de sentimento e atitudes. Essas imagens foram sedimentadas durante toda a evolução da humanidade.

Como são componentes psíquicos, presentes subliminarmente na psique inconsciente, expressa-se na consciência pelo contato com o outro. Eles operam influenciando sobre o princípio psíquico dominante de um homem ou mulher, favorecendo a transição de um pólo a outro, conforme a necessidade de individuação.

Mas como todo arquétipo, estes também são dotados de dois aspectos. Quando existe a possessão (a ocupação do ego por um complexo ou conteúdo arquetípico), isto é, a anima e o animus não se manifestam, fazendo com que a pessoa tenha comportamento tipicamente do sexo oposto. Já no aspecto positivo, quando estes pólos são integrados à consciência, serve de referência e desperta o desejo de ser unir a pessoa do sexo oposto.

Ao serem reconhecidos e integrados ao ego contribuem para a maturidade do psiquismo, contudo, essa tarefa não é fácil, e muitas vezes o indivíduo lida com a anima ou o animus sob a forma de projeções. As projeções é um processo inconsciente e automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo

com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto. A projeção cessa no momento em que se torna consciente, isto é, ao ser constatado que o conteúdo pertence ao sujeito.

Anima e animus são responsáveis pela qualidade das relações com o sexo oposto. Inconscientemente são feitos na forma de projeções. Em diversas culturas e épocas sempre existiram idéias ou imagens a respeito do feminino e do masculino, anima e animus, que se expressam nos mitos, contos de fadas, no folclore. Os ritos, que são releituras desses mitos, trazem à tona o simbolismo que eles carregam, e imprime nas pessoas o poder de regular o comportamento entre os semelhantes e o diferente.

2.2.6.3 Sombra - Arquétipo do Inimigo

Como foi citado anteriormente, na medida em que o ego se diferencia da persona, da imagem ideal que tem de si mesmo, começa o enfrentamento com o lado obscuro – a sombra. Ela representa a parte escondida da consciência. Ela não é o lado oposto da consciência, mas representa o que falta a cada personalidade consciente, por estar escondida.

Ela é o centro do inconsciente pessoal, é o núcleo do material reprimido pela consciência, inclui tendências, desejos, memórias e experiências rejeitadas pela pessoa por ser incompatível com a persona, e contraria aos padrões sociais. Seu conteúdo pode ser tanto aquilo que é negligenciado ou que não é desenvolvido (potencial). Ela não pode ser eliminada, porém, sua existência é fundamental, pois é vista como um reservatório de tudo o que é bom e ruim no ser. À medida que se conscientiza da sombra, a consciência se torna mais clara, recuperando partes que foram reprimidas ou que não se desenvolveram num certo momento da vida.

Uma evidência da manifestação da sombra são os conflitos que elas geram no interior e ao nosso redor. A tensão gerada proporciona um movimento de mudança e a busca por recursos novos. Ela direciona o homem para a criatividade e busca por soluções, quando os recursos inconscientes se esgotam. E sempre consegue se manifestar através da inspiração e dos insights. Sendo assim, ela é vista com um depósito de energia instintiva, espontaneidade, vitalidade (fonte de criatividade) e de emoções profundas.

2.2.6.4 *Self* - Arquétipo da Totalidade

Ele é o centro organizador do sistema psíquico, trazendo unidade, equilíbrio e estabilidade à personalidade. Ele é o arquétipo da totalidade assim como o objeto a ser alcançado. Não é o centro apenas, toda a circunferência que compreende tanto o consciente quanto o inconsciente. Ele apresenta-se nos sonhos, mitos, e contos de fadas como um salvador ou redentor, sendo na maioria das vezes a figura central.

Por meio do processo de individuação a pessoa vai se descobrindo, retirando suas máscaras, retirando projeções lançadas no mundo externo, e integrando-as de volta a si mesmo. Com esse processo é possível alcançar a totalidade psíquica – o *self*.

Apesar desse processo ser dirigido naturalmente pela tendência do *self*, ela não é possível se não houver uma ligação entre o ego e o *self*, se não forem capazes de integrar os conteúdos inconscientes. Ambos precisam um do outro.

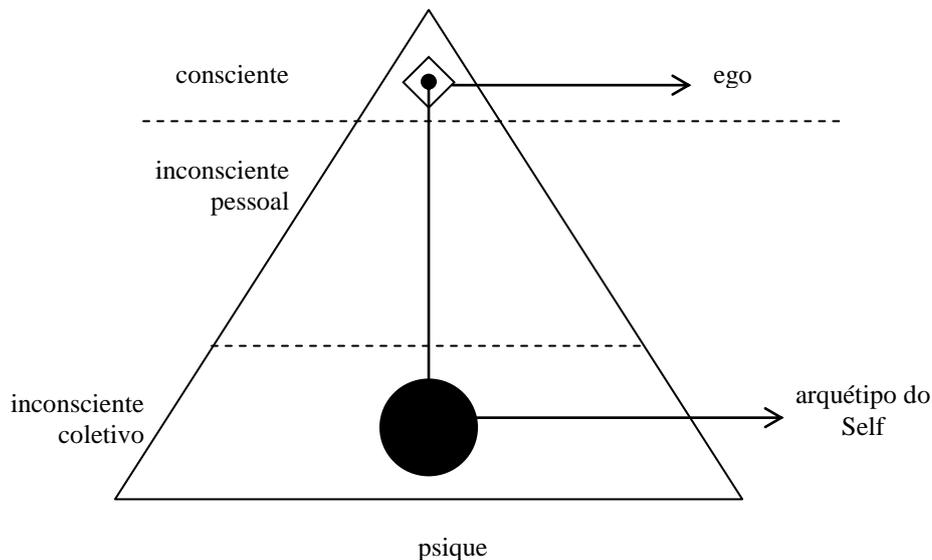


FIGURA 4: Configuração ego-self (identidade)

2.3 O DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE

A função do ego no processo de individuação é fundamental, pois para Jung (1984a), o caminho da autorealização exige a participação do ego consciente. Ele desempenha um papel

muito importante na integração de um produto mediador formado pela síntese de dinâmicas conscientes e inconscientes.

Conforme escreve Neumann (1990), na vida intrauterina e nos primeiros meses de vida após o nascimento, a criança não se percebe diferente da própria mãe. Encontra-se num estado indiferencial total: a mãe é ela e ele a é a mãe. Só começa a sentir diferente, adquirir certa consciência, quando a mãe, ao invés de atender a todas as necessidades e vontades, começa a lhe dizer os “nãos”. Com isso a mãe começa a estabelecer limites, estruturas na vida da criança, devendo ser continuados pelo pai. O pai tem como função principal, a continuação do alicerce da personalidade, à medida que adquire a criança certa autonomia para o mundo externo. A função simbólica do pai (alimentado pelo arquétipo do Grande Pai) é “tirar a criança da mãe”, onde ela poderá desenvolver seu pensar e sua consciência.

A evolução do ego (WHITMONT, 2008) é a evolução daquele aspecto do Self que se manifesta no tempo e no espaço. Sua evolução pode ser dividida em três fases. A infância é a fase de realização durante a qual uma identidade total não diferenciada começa a desintegrar-se. A identidade ego-self (figura 5) se separa e elementos do meio ambiente interagem com potenciais arquetípicos para produzir uma primeira personalidade real.

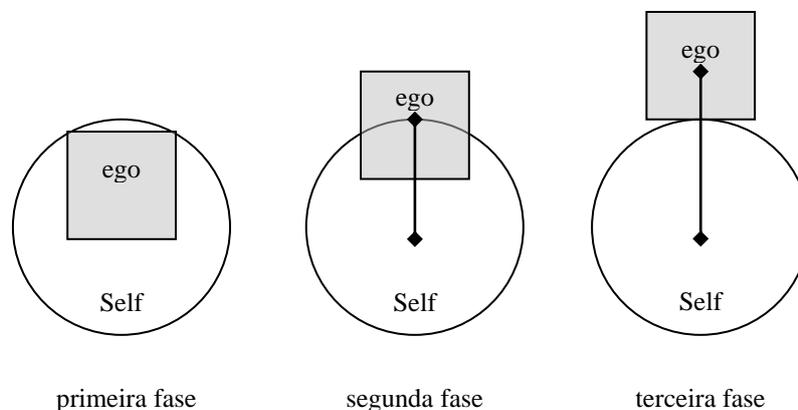


FIGURA 5: estágios progressivos da separação ego-self durante o desenvolvimento infantil

De modo geral, Jung, descreveu a fenomenologia do Self no processo de individuação adulta, mas pós-junguianos passaram a considerar também o papel do self nos primeiros anos de vida:

Ao nascer, a pessoa não possui ego, uma vez que este se encontra misturado ao Self. O Self nasce com a pessoa, porém o ego vai sendo construído. Tudo está contido no inconsciente. A criança projeta a imagem de Deus nos pais, e, à medida que vai se desenvolvendo, o ego vai se separando gradativamente do Self, até se formar um

eixo entre os dois. O ego nasce, tornando-se uma instância muito menor que o Self e ficando diretamente submetido ao seu domínio. (ALT, 2000, p. 54)

Na primeira fase as pessoas e coisas são vivenciadas como poderes opressores ou ameaçadores, o ego os percebe como se fossem entidades mágicas e mitológicas. No segundo estágio, já na vida adulta, as pessoas e coisas são vistas como pessoas e coisas. O único poder reconhecido é o ego, simbolizado pelo ditado popular “querer é poder”. O terceiro estágio é o do retorno, o do preenchimento e realização do potencial da personalidade, que vai em direção à totalidade do indivíduo.

Embora o desenvolvimento das potencialidades do homem seja impulsionado por forças instintivas inconscientes, o sujeito é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e de influenciá-lo. A motivação para a individuação é uma herança, mas o processo acontece no confronto do inconsciente (self) com o consciente (ego), numa colaboração entre ambos, pois os diversos componentes unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear, é um movimento de circunvolução que conduz ao centro psíquico – *self*.

2.3.1 Tipologia

Segundo Jung (2008a), tipo é uma disposição geral que se observa nos indivíduos, caracterizando-os quanto a interesses, preferências e habilidades, isto é, um modelo característico de atitude geral que se manifesta em muitas formas individuais (JUNG, 2008a, p. 450). Hoje, a tipologia é vista como um instrumento de investigação tanto na psicologia clínica como também na psicologia organizacional através da área de recursos humanos das organizações.

Os tipos são grupos de pessoas com padrões de reação e atitudes típicas semelhantes e que constituem um viés essencial que condiciona todo o comportamento psíquico. Na autobiografia *Memória, Sonhos e Reflexões*, o autor descreve como foi seu processo de observação e pesquisa dos tipos psicológicos.

Uma pergunta desempenhou um grande papel na gênese desta obra: em que se distinguia de Freud? E de Adler? Que diferenças havia entre nossas concepções? Refletindo sobre isso deparei com o problema dos tipos. O livro sobre tipos psicológicos trata principalmente do confronto do indivíduo com o mundo, das suas

relações com os homens e coisas. Nele descrevo os diferentes aspectos da consciência, as possibilidades de sua atitude em relação ao mundo; esse livro é, em resumo, uma descrição da psicologia da consciência considerada sob um ângulo clínico. [...] Meu livro sobre tipos psicológicos conclui que todo julgamento de um homem é limitado pelo seu tipo de personalidade e que toda maneira de ver é relativa. (JUNG, 2006, p. 246-247)

A tipologia baseia-se na classificação da energia psíquica expressa na forma de atitudes e funções:

2.3.1.1 Atitude

Denota em que direção a energia psíquica adquire, onde a atenção da pessoa está focada, isto é: para fora e para as coisas, pessoas e ambientes, assim com os fatos que ocorrem ao seu redor. A sua atenção pode também estar voltada para si mesmo, seu mundo interno, sentimentos, impressões pessoais, emoções e pensamentos. Ela se subdivide em extroversão e introversão.

2.3.1.1.1 Introversão

É o movimento que a energia psíquica segue para os conteúdos internos da psique. O foco das impressões, sentimentos, emoções e atitudes. Diante de grandes decisões, essa pessoa tem dificuldade de se posicionar, porém, tem maior facilidade de escrever do que falar, aprender lendo do que ouvindo ou vendo, é detalhista, e se aprofunda nos assuntos que lhe interessam.

2.3.1.1.2 Extroversão

É o movimento promovido pela energia psíquica em direção ao objeto externo. São pessoas que tem o foco no mundo, nas coisas externas, nos fatos, nos seres. Vivem orientadas

pelo ambiente externo e são suscetíveis a ele. Valorizam o agir e não o pensar. Apresentam uma disposição para a impulsividade, e preferem mais falar ao invés de ouvir ou ler. Sua tendência é de buscar conhecimento de forma mais superficial e generalista, sendo boas observadoras, no entanto, não se prendem aos detalhes.

No quadro abaixo estão descritas as principais características que diferenciam os extrovertidos dos introvertidos.

TABELA 1: Diferenças entre tipos extroversão e introversão

EXTROVERSÃO	INTROVERSÃO
Impulsivo	Hesitante
Objetivo	Subjetivo
Impressionante	Impressionável
Não pode compreender a vida até que tenha vivido	Não pode viver a vida até que tenha compreendido
Tem postura relaxada e confiante	Tem postura reservada e questionadora
Mergulha em experiências novas e não testadas anteriormente	Precisa sondar o novo antes de decidir-se a entrar nele
Tem atenção voltada para o mundo externo	Tem atenção voltada para o mundo interno
Tem interesse por acontecimentos objetivos	Tem interesse por acontecimentos subjetivos
O mundo real é o das pessoas e coisas	O mundo real é o das idéias e impressões
Tem impulso para a ação prática	Voltado para reflexão e análise
Primeiro age e depois pensa	Primeiro pensa e depois pode ser que aja
Reage prontamente aos estímulos ambientais	Resiste a se deixar influenciar pelos estímulos ambientais
Tende a desconsiderar suas necessidades mais internas	Tende a desconsiderar as relações com os acontecimentos exteriores
Sociável, compreensível e acessível	É impenetrável, taciturno e distante
Prefere lidar com coisas e pessoas a lidar com idéias e questões subjetivas	Prefere lidar com idéias e questões subjetivas a lidar com coisas e pessoas

Fonte: ZACHARIAS, 2006, p. 61

2.3.1.2 Função

Elas se dividem em: forma como a pessoa percebe as informações do meio e depois processa; forma como julgam as informações vindas do ambiente. Está subdivida em funções perceptivas (sensação, intuição) e funções de julgamento (pensamento e sentimento).

2.3.1.2.1 Sensação - função perceptiva

Pessoas com essa tipologia preferem se dedicar a fatos concretos do “aqui-agora”, vivendo o presente intensamente como se não houvesse perspectivas de mudança futura. Elas tornam-se práticas e realistas, relacionando-se bem com rotinas eventos repetitivos. Compreendem as partes que formam o todo, mas escapa-lhes a percepção global.

2.3.1.2.2 Intuição - função perceptiva

Essa sensação vai além do “aqui-e-agora”, e das informações recebidas pelos órgãos dos sentidos. A intuição usa os significados, as relações e as possibilidades futuras da informação recebida. Usa a percepção global em detrimento da compreensão das partes. As pessoas dessa tipologia valorizam a imaginação e a inspiração, mostrando-se criativas e inovadoras.

TABELA 2: Diferenças entre tipos sensação e intuição

SENSAÇÃO	INTUIÇÃO
Observador	Imaginativo
Busca a estimulação dos sentidos	Busca a inspiração criativa
Atento aos detalhes do ambiente externo	Atento às possibilidades e ao todo
Percebe imediatamente a realidade sacrificando a inspiração	Desloca-se facilmente para a mudança e inovação, sacrificando a realidade
Gosta dos prazeres dos sentidos	Alheio aos prazeres dos sentidos
Imitativo	Criativo
Influenciável pelo ambiente físico	Pouco influenciável pelo ambiente físico
Tem dificuldade em adiar recompensas	Esquece-se de suas necessidades físicas
Rotineiro	Inovador
Apóia manifestações de luxo e beleza	Apóia novas e arrojadas idéias
Pode ser frívolo	Pode ser alienado da realidade
É bom com equipamentos e máquinas	É bom com projetos e pesquisas
Pragmático	Teórico
Estável e convencional	Instável e arrojado
Tem dificuldade em criar e imaginar	Tem dificuldade de realizar e concretizar

Fonte: ZACHARIAS, 2006, p. 63

2.3.1.2.3 Pensamento - função julgamento

São atentas à lógica de seus atos e dos eventos. Incluem na sua avaliação os prós e contras de uma situação e buscam um padrão impessoal da realidade. Gostam de organização lógica, baseando seus julgamentos em padrões universais e coerentes, em vez de padrões pessoais. Devido a isso, conseguem fazer análises isentas de interferências pessoais.

2.3.1.2.4 Sentimento - função julgamento

Pessoas com função do tipo sentimento não devem ser confundidas com emoção. A emoção é sempre seguida de reações orgânicas como medo e ira. Essa tipologia está relacionado com a dimensão valorativa das pessoas e coisas, um valor pessoal e não geral. O sentimento emite um juízo de valor pessoal: “gosto, não gosto”, sem ter uma reação típica da emoção. O sentimento é tão racional quanto o pensamento, mas sob outros termos. As decisões são tomadas com base em valores pessoais ou de outras pessoas. Pessoas desta tipologia levam em conta o que sentem (valor que atribuem às coisas), e estão atentas aos sentimentos dos outros também.

TABELA 3: Diferenças entre tipos pensamento e sentimento

PENSAMENTO	SENTIMENTO
Valoriza a lógica sobre o sentimento	Valoriza o sentimento sobre a lógica
Impessoal	Pessoal
Tem interesse em coisas e processos	Tem interesse em pessoas e relações sociais
Prefere dizer a verdade diretamente	Prefere dizer a verdade indiretamente
Melhor executor que relações públicas	Tem melhores relações públicas que executor
Questionador	Apaziguador
Crítico	Crédulo
Tende a pensar que os outros estão errados	Tende a pensar que os outros estão certos
Rápido e profissional	Calmo e afetivo
Tem dificuldade em estabelecer amizades	Tem facilidade em estabelecer amizade
Pouco sociável	Muito sociável
Organizador e lógico	É receptivo e afetivo
Tem facilidade em lidar com a lógica	Tem facilidade em lidar com pessoas

Parece frio e calculista	Parece piegas e bajulador
É formal	É informal
Imparcial em seus julgamentos	Parcial em seus julgamentos
Tem maior interesse no trabalho a ser realizado	Tem maior interesse nas pessoas que trabalham
Prefere a justiça	Prefere a misericórdia

Fonte: ZACHARIAS, 2006, p. 65-66

Sendo assim, os quatro tipos descritos: sensação, intuição, pensamento e sentimento se organizam numa estrutura (estrutura cruciforme), e a personalidade do indivíduo é administrada por uma das funções, chamada de “função principal” (ego). Além desta, que é o tipo determinante da personalidade, outra função se destaca como complemento, denominada “função auxiliar”, que se associa à função principal ampliando a ação da consciência. Quanto aos conteúdos que foram rejeitos pela consciência ou que tem pouco acesso a ela (arquétipo da sombra) denomina-se a “função inferior”. Ela é assim chamada porque houve um desenvolvimento insuficiente e não uma capacidade insuficiente.

Exemplo:

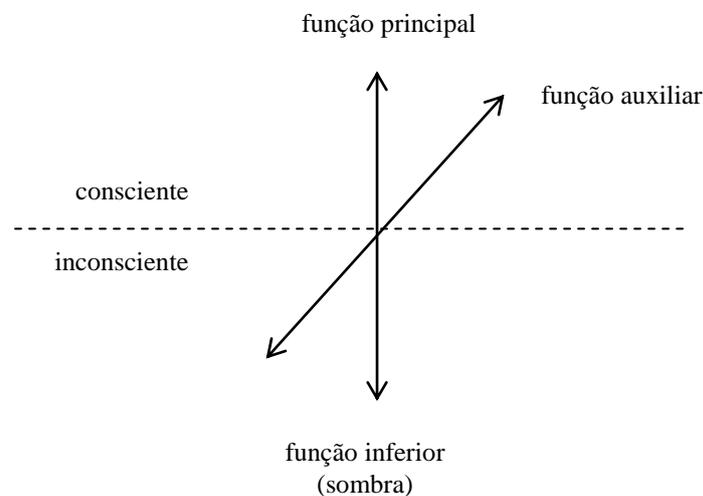


FIGURA 6: Estrutura cruciforme

Dessa forma, os tipos combinados podem dar origem a dezesseis tipos psicológicos, conforme o exemplo de quatro estruturas cruciformes a seguir:

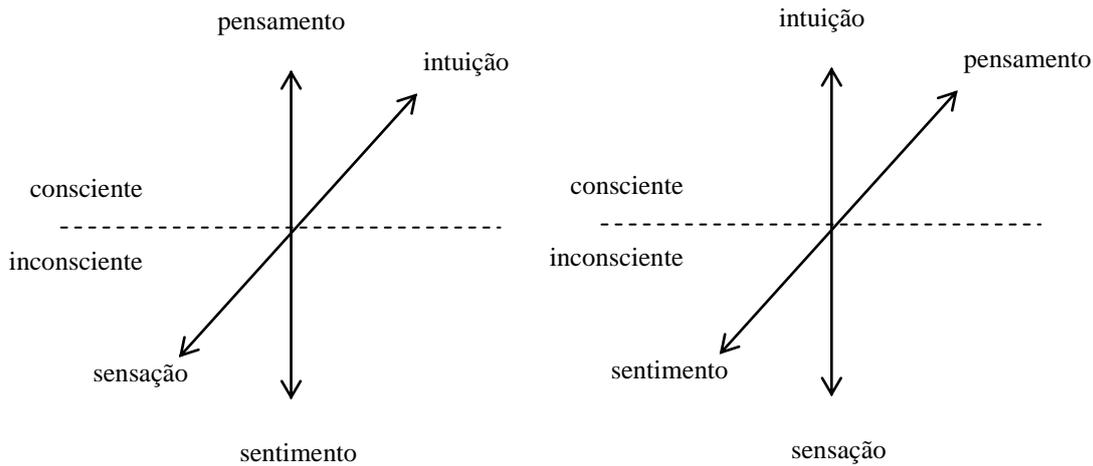


FIGURA 7: Exemplos de estruturas cruciforme

TABELA 4: Os 16 tipos psicológicos

EXTROVERTIDO	INTROVERTIDO
Sentimento extrovertido com intuição auxiliar	Sentimento introvertido com intuição auxiliar
Sentimento extrovertido com sensação auxiliar	Sentimento introvertido com sensação auxiliar
Intuição extrovertido com pensamento auxiliar	Intuição introvertido com pensamento auxiliar
Intuição extrovertido com sentimento auxiliar	Intuição introvertido com sentimento auxiliar
Pensamento extrovertido com intuição auxiliar	Pensamento introvertido com intuição auxiliar
Pensamento extrovertido com sensação auxiliar	Pensamento introvertido com sensação auxiliar
Sensação extrovertido com pensamento auxiliar	Sensação introvertido com pensamento auxiliar
Sensação extrovertido com sentimento auxiliar	Sensação introvertido com sentimento auxiliar

Fonte: JUNG, 2008a

Portanto, combinações são criadas a partir das atitudes e funções, criando orientações tipológicas no indivíduo. Na cultura atual, a influência ambiental é exercida primeira em direção à extroversão, à reflexão e à sensação. Pode, no entanto, o sujeito ter uma adaptação tipológica distorcida, forçada a ajustar-se a esses moldes, principalmente os tipo pensamento e intuitivo introvertido.

3 EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA

Após a compreensão dos fundamentos da Psicologia Analítica, será discutido agora a sua aplicação no campo da Educação.

3.1 TIPOLOGIA E APRENDIZAGEM

A tipologia se manifesta sob algumas características nos alunos, porém conforme o extenso trabalho de Zacharias (2006) em tipologia, é útil compreender as categorias de comportamento que constituem as variáveis tipológicas. Com relação a atitude, pode se observar os seguintes pontos:

3.1.1 Extroversão

Os alunos desta configuração podem procurar ajustar-se o máximo possível à realidade exterior ou tentar impor ao mundo o seu próprio ponto de vista. Aqueles cuja atenção se volta principalmente para informações do mundo exterior (colegas, professores, material didático), são tipicamente extrovertidos. Eles tem facilidade de se acomodar no mundo e seguir seu curso (caminho adequado ou não). Por partilharem naturalmente do movimento grupal, tanto podem colaborar com os interesses do professor ou criar dificuldades.

Valorizam excessivamente as relações interpessoais e aquilo que está a sua volta, podem esquecer-se do bem-estar físico e intrapsíquico, chegando à exaustão e perda de saúde física. Como a psique trabalha na busca pelo equilíbrio, o inconsciente do aluno tem um caráter inverso, ou seja, introvertido. Esses elementos podem conter as emoções, opiniões, desejos e necessidades pessoais.

Apesar de ter seu interesse com foco maior sobre o mundo externo, ele consegue dar atenção à sua vida interior, mas com menor intensidade. O aluno extrovertido em sala de aula presta mais atenção em várias coisas ao mesmo tempo, sempre buscando nova estimulação no ambiente, que pode ser confundida com hiperatividade.

Seu perfil prefere aulas mais dinâmicas, aprecia mais falar do que escrever, pode ter pouca concentração, e se ele não for oprimido por sentimentos de insegurança e timidez (complexos), tende a gostar de trabalhos orais.

TABELA 5: Funções de julgamento extrovertido nos alunos

Sentimento Extrovertido	Pensamento Extrovertido
<ul style="list-style-type: none"> - os alunos orientam seus valores pessoais para o que compõe o ambiente externo; - procuram manter relações em que não se crie situações constrangedoras; - preferem concordar com idéias do grupo para não perturbarem a harmonia; - usam de diplomacia; - necessitam manter uma relação afetiva com colegas/professores e somente se interessam pelo conteúdo se o ambiente emocional for agradável; - preferem um professor menos intelectual e mais afetivo; - o excesso de racionalidade e crítica fria os perturbam; - seus pensamentos estão subordinados aos seus valores pessoais; - poderão passar facilmente por cima das regras em função das relações pessoais; - não buscam a verdade absoluta, mas o bom relacionamento entre as pessoas; - antes de conquistar os seus “cérebros”, é necessário conquistar seus “corações”. 	<ul style="list-style-type: none"> - os alunos utilizam vários dados para aprenderem (objetos ou fatos); - pensam sobre conceitos, tentando julgar em função de fundamentos objetivos sobre os fatos do mundo; - a escola tradicional dá preferência por esse tipo de aluno, pois o produto da aprendizagem pode ser visto e avaliado; - a orientação se dá pela reflexão sobre a realidade exterior; - agem de acordo com motivos intelectuais; - procuram leis e regras válidas para a interpretação dos dados objetivos e subordinam tudo e todos a uma lei geral; - dificuldade de tolerarem desvios à sua regra por parte de colegas/professores; - buscam construir fundamentos firmes para a justiça e a verdade; - não admitem falha de si mesmo ou dos outros; - não hesitam de passar por cima das relações pessoais para fazer cumprir as regras; - o professor necessita apresentar a eles quais as regras lógicas do conhecimento para que possam compreendê-las e apoiar.

Fonte: ZACHARIAS, 2006

TABELA 6: Funções de percepção extrovertido nos alunos

Intuição Extrovertida	Sensação Extrovertida
<ul style="list-style-type: none"> - os alunos recebem através da intuição imagens e evidências do mundo que as outras funções (tipológicas) não captam; - identificam diversas possibilidades a partir da projeção de suas percepções externas; - os objetos são valores apenas para descobrir novas possibilidades que estão além do observável; - são atraídos por situações que estimulem mudanças, não se adaptando a situações estáveis; - estão atentos àquilo que ocorre ao seu redor (conhecimentos, pessoas, materiais) com o objetivo de descobrirem a possibilidade de reorganizar esses elementos em busca de novas possibilidades; - desconsideram trabalhos repetitivos/rotineiros; - buscam novas maneiras de fazer as coisas; - valorizam a imaginação e a inspiração; - não se contentam em como as coisas são; - não se preocupam com a aplicação prática do conhecimento, pois o prazer está em criar e descobrir o novo. 	<ul style="list-style-type: none"> - os alunos subordinam sua relação com o mundo aos dados que recebem por meio dos sentidos; - orientam-se por meio de objetos ou processos recebidos pelos cinco sentidos; - possuem o mais alto grau de sentido objetivo dos fatos; - podem passar a falsa impressão de serem o mais racional, porém, preocupam-se com as percepções imediatas do ambiente do que com a moral/ética; - os conceitos teóricos são válidos somente se forem sustentados pela percepção imediata (ideal X realidade demonstrável); - necessitam compreender a aplicação prática das coisas; - preferem fazer do que pensar, apresentando dificuldades em teorizar sobre o assunto; - preferem lidar com objetos e ferramentas, do que a livros; - tendem a ser um líder emergente no grupo quando é necessária uma decisão concreta.

Fonte: ZACHARIAS, 2006

3.1.2 Introversão

Os alunos introvertidos preferem focalizar sua atenção em idéias, emoções e percepções causadas pelos fatos do mundo. O mundo valoriza a atitude extrovertida, em detrimento da introversão. Uma diferença marcante entre timidez e introversão é descrita por Zacharias:

Primeiramente é importante dizer que devemos separar os conceitos de introversão e timidez; o primeiro trataremos adiante. Quanto à timidez, é muito mais uma defesa ao medo imaginário da rejeição do que a introversão da energia psíquica nesses. Nesses termos, é possível encontrarmos um extrovertido tímido. A timidez está ligada a sentimentos de segurança. (ZACHARIAS, 2006, p. 102).

O aspecto subjetivo para o introvertido é tão sólido quanto a realidade externa é para o extrovertido. Ele tende a ter dificuldade de convivência com grandes grupos, preferindo eleger poucos amigos mais próximos. Mas apesar de seu maior interesse ser a vida interna, ele consegue dar atenção ao mundo exterior.

Em sala de aula, presta atenção em poucas coisas de cada vez, sempre recusando estimulação do meio ambiente. Prefere aulas aprofundadas em que possa mais refletir e ler do que falar. Sua concentração está numa pequena quantidade de cada vez. Não tem problemas em rever várias vezes o mesmo tema. E se não tiver problemas de insegurança, poderá expor suas idéias aos outros, mas sempre com certa hesitação.

Tende a gostar de trabalhos individuais e escritos, elaborando suas idéias por meio da observação e da leitura.

TABELA 7: Funções de julgamento introvertido nos alunos

Sentimento Introvertido	Pensamento Introvertido
<ul style="list-style-type: none"> - os alunos orientam seus valores pessoais para componentes do seu ambiente interno. - podem tornar-se inacessíveis aos colegas e professores e retraírem-se diante de exigências externas - sentem dificuldade de expor o que sentem - mantem seus motivos pessoais em segredo - são sensibilizados com a miséria e os problemas ao seu redor, mas não chegam a agir concretamente - necessitam manter uma relação discretamente afetiva com os outros - interessam-se pelo conteúdo da aula se o ambiente for agradável - tem preferência por um professor mais afetivo e menos intelectual 	<ul style="list-style-type: none"> - utilizam várias fontes para aprender (objetos ou raciocínios) - gostam de refletir sobre conceitos aprendidos - orientam-se pela reflexão baseada na realidade exterior - agem com motivos intelectuais bem pesados e medidos - tem dificuldade de tolerar desvios de regras - buscam construir fundamentos ortodoxos de justiça e verdade - não admitem falhas nos outros e nem de si mesmos - podem apresentar-se críticos, argumentadores e autosuficientes - buscam fundamentos seguros durante o processo de aquisição, consolidação e utilização do conhecimento

Fonte: ZACHARIAS, 2006

TABELA 8: Funções de percepção introvertido nos alunos

Intuição Introvertida	Sensação Introvertida
<ul style="list-style-type: none"> - os alunos partem de percepções externas para lançar projeções futuras, identificando possibilidades - tomam decisões não baseado na percepção do objeto, mas por aquilo que lhes é mobilizado em seu interior - ultrapassam a percepção do fenômeno, percebendo suas capacidades latentes - são os alunos mais imaginativos e sonhadores - tendem a desconsiderar as tarefas repetitivas e rotineiras - não possuem muita concentração ao que está acontecendo ao seu redor 	<ul style="list-style-type: none"> - a atenção dos alunos está na impressão causada pelos objetos e nas aplicações práticas, e não nos objetos em si - a atenção dos alunos está mais voltada para a impressão que os objetos lhe causam - os alunos se orientam pelo que seus sentidos lhe apresentam diante dos objetos - os conceitos teóricos só são válidos se forem sustentados pela impressão que eles tem dos fatos concretos - a questão pragmática e demonstrável sempre será considerada por estes alunos - sentem necessidade de compreender a aplicação prática das coisas - prefere a liberdade de realizar algo como lhe pareça correto do que seguir padrões previamente estabelecidos - tem dificuldade de teorizar sobre o assunto - preferem lidar com os objetos de forma artesanal, expressando sua compreensão do mundo

Fonte: ZACHARIAS, 2006

3.2 RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

A relação interpessoal que acontece entre o aluno e o educador vai interferir na maneira como a relação ensino-aprendizagem acontece. Nesse caso, Jung destaca como as crianças são influenciáveis aos modelos que elas tem ao seu redor, sejam de familiares ou de pessoas do convívio comum.

A criança tem uma psique extremamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo no âmbito nebuloso da psique dos pais, do qual só relativamente tarde consegue libertar-se [...] O professor, não deveria jamais ser descarregado diretamente sobre o aluno, como lamentavelmente talvez aconteça. Tal conhecimento deve em primeiro lugar ajudar o professor a conseguir uma atitude mais compreensiva em relação à vida psíquica da criança. Este conhecimento está destinado à pessoas adultas e não às crianças, que por enquanto necessitam apenas de coisas elementares. (JUNG, 2008b, p. 54)

Para Jung, a psique da primeira infância é até certo ponto, parte da psique materna e paterna. Quando a criança começa a dizer “eu” como referência a si mesma começa a surgir a psique individual. Mas ela só consegue atingir uma relativa independência na puberdade. No ambiente escolar, os companheiros substituem os irmãos, o(a) professor(a) representam o pai

ou a mãe. Por isso, os educadores acabam se tornando referência para a criança, e o papel do professor nessa relação é de dar continuidade ao processo de desenvolvimento da consciência desse aluno. E essa tarefa não é fácil de conduzir, pois as salas de aula comportam cerca de 30 até 40 alunos, e auxiliá-los nesse caminho é bastante dispendioso para o professor. Jung diz:

... tem o professor tarefa difícil, porque se não deve exercer a autoridade de modo que subjogue, também, precisa apresentar justamente aquela dose de autoridade que compete à pessoa adulta e entendida perante à criança. Tal atitude não pode ser obtida artificialmente, mesmo com toda a boa vontade, mas somente se realiza de modo natural, à medida que o professor procura simplesmente cumprir seu dever como homem e cidadão. É preciso que ele mesmo seja uma pessoa correta e sadia; o bom exemplo é o melhor método de ensino. (Ibid, p. 60)

Para o autor, o ensino metódico de lecionar para as crianças os conteúdos das disciplinas representa apenas a metade da importância da escola, pois a outra metade é a educação psíquica. Dessa forma, o educador estaria completando a educação dos pais e conduzindo a criança para um mundo muito mais amplo. Isso acontece porque a criança projeta sobre ele a imagem paterna, identificando a personalidade do professor com a imagem do pai.

Projeção. Significa transferir para o objeto um processo subjetivo. [...] é portanto um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado de certa forma ao objeto. Pela projeção o sujeito se livra de conteúdos penosos e incompatíveis, mas também de valores positivos que, por qualquer motivo, como por exemplo, a autoestima, são inacessíveis a ele. (JUNG, 2008^a, p. 436).

Essa projeção é uma consequência natural das relações humanas. Mas com a criança é preciso maior cuidado, pois ela está em fase de desenvolvimento e não tem o senso crítico, colocando-se exposta à influência dos efeitos da projeção, tornando-se mais vulnerável. No entanto, corresponder a essa projeção representa para o professor um risco. Corresponder significa assumir o papel de pai/mãe da criança, buscando envolver-se em assuntos que não lhe correspondem. O professor ganha um significado simbólico atribuído pelo aluno, mas corresponder a ele representa um efeito psicológico conhecido como contratransferência. Seus efeitos podem ser devastadores na constituição da psique infantil, pois muitas vezes o professor não tem consciência de que suas atitudes estão interferindo negativamente na relação com o aluno.

O aluno, na sua relação com o educador, atribui um significado para a figura do professor, que acontece naturalmente, como ocorre quando alguns alunos se identificam com um professor e o elegem como educador preferido, e já outros, se identificam com outro

professor. Nessa relação, a forma como o educador pode conduzir sem produzir os efeitos da contratransferência é estar atento ao jogo que o aluno cria ao redor dele. Na verdade, as relações interpessoais são permeadas de jogos de poder e de interesse, depositando uns nos outros seus desejos cercados de significados. Quando esses interesses são correspondidos (contratransferência) e o professor joga esse jogo perigoso, ele assume todas as projeções que lhe foram atribuídas.

O importante nesse momento de projeção vivido pelo aluno é a possibilidade que ele tem de utilizar-se de uma figura marcante na vida dele (educador), e que possibilita um espaço onde ele possa depositar suas dúvidas, angústias, euforia, medos, inseguranças, etc. Esse suporte que o professor oferece promove a transição do estágio de dependência dos pais para a autonomia perante o mundo externo. O educador faz esse papel de ponte, a partir do momento que ele empresta a si mesmo nessa relação.

E quando as características da projeção são internalizadas pelo aluno, ele integra seus conteúdos psíquicos que estavam desligados de si mesmo. No entanto, é preciso estar atento aos casos em que a projeção não se dissolve. A permanência do estado de projeção revela um estágio de neurose que deve ser observado com cuidado. Pelo fato do educador estabelecer uma relação com o aluno, ele fica exposto aos conteúdos psíquicos do educando, assim como toda a gama de sentimentos que o aluno esteja vivendo. O excesso de preocupação intensa por parte do educador revela uma ligação (inconsciente) entre ambos.

O modo negativo da transferência se manifesta, relata Jung:

... sob a forma de resistência, antipatia e ódio, confere de imediato uma importância considerável – ainda que negativa – ao tu, e esforça-se de todas as maneiras por colocar entraves no caminho da transferência positiva. O simbolismo típico da síntese dos opostos, que caracteriza a transferência positiva, fica conseqüentemente impossibilitado de se desenvolver. (JUNG, 2007, nota p. 36)

Outra forma de auxiliar ao professor a conduzir esse grupo de alunos é através das reuniões com a equipe psicopedagógica, onde possam ser criados espaços para debates e troca de informações entre os profissionais, de forma que ele também se sinta apoiado e receber orientações sobre como conduzir o grupo de estudantes. Uma proposta que facilita o acesso do aluno ao professor, e ao mesmo tempo, não sobrecarrega o educador com as questões pessoais pertinentes aos alunos, é a criação da ouvidoria estudantil. Com ela o aluno pode identificar um professor da sua livre escolha, que mais se identifique, e que possa ajudá-lo no que tange às suas dúvidas e dificuldades educacionais e sociais. Podem ser criados horários específicos de atendimento ao educando, no intervalo ou término das aulas, assim como,

projetos que promovam o engajamento dos estudantes em questões que o professor e a equipe psicopedagógica identifiquem no grupo. Esse canal aberto faz com que o papel do professor se amplie para além da sala de aula, tornando-se um agente facilitador da formação da consciência, cidadania e da personalidade deste aluno.

Para que isso seja possível, é preciso que o professor esteja preparado, isto é, Jung (2008b) fala da “educação do professor” revertendo-se indiretamente em benefício das crianças. O autor refere-se como a educação de si mesmo, do autoconhecimento como fundamento indispensável. Assim como os pais são figuras importantes na influência da psique infantil, o professor também ocupa esse papel.

E o autor pontua o papel da educar:

O educador deve sempre ter em mente que pouco adianta falar e dar ordens; o importante é o exemplo. Se o educador admite no tocante a si mesmo, de modo inconsciente, toda a espécie de inconveniências, mentiras e maus modos, pode estar certo de que tudo isso terá um efeito incomparavelmente maior do que todas as boas intenções que demonstra com tanta cerimônia. [...] O próprio educador deve ter sido educado antes de ter experimentado em si mesmo se são eficientes ou não as verdades psicológicas que aprendeu em sua escola. Na medida em que o educador persistir nesse esforço com certa dose de inteligência e de paciência, é provável que não seja um mau educador. (Ibid, p. 138)

3.3 EDUCAÇÃO INTEGRAL

A exposição nas linhas anteriores sobre os fundamentos da Psicologia Analítica ofereceu até o momento uma exposição sobre o pensamento junguiano no que se refere ao desenvolvimento humano. E o conceito de educação traz certa semelhança com o conceito de individuação. Pode-se dizer que essa metamorfose por qual passa toda a humanidade é um processo de autoconhecimento, de autoconstrução da humanidade.

A contribuição que sua teoria traz para a Educação está no valor que ele atribui ao homem simbólico e aos seus processos de simbolização. Essa característica de criar símbolos é o que organiza e torna o animal *homo sapiens*, humano. Quando ele afirma, em diversos textos (JUNG, 1984a, 1984a, 2007, 2008b) que o inconsciente é o responsável pelas escolhas e ações, assim como a adaptação no mundo, equipara esse processo de adaptação ao mundo à Educação.

Jung considera o homem uma totalidade, regido por inúmeros aspectos que se complementam, integram e se compensam (racional-irracional, personalidade-persona, introversão-extroversão, anima-animus, etc.). Para ele, a relação de complementaridade entre esses elementos é movido pela libido (desejo), e o ser busca adaptar-se ao meio e construir-se sobre *si-mesmo*. Esse movimento, denominado individuação, nada mais é do que a educação de si mesmo.

A psique é uma totalidade de fenômenos psíquicos (consciência e inconsciente), e ambos dirigem o homem no seu processo de educação. A questão do inconsciente coletivo pode ser verificada através de suas observações clínicas, assim como produzida por outros profissionais, que viram semelhanças nas funções do cérebro em processar informações relativas a coisas ausentes e fenômenos do passado (JUNG, 1987). De acordo com suas anotações, os arquétipos são padrões de comportamento instintivos, pré-formatados, que podem desencadear modos típicos do comportamento humanos. Seu estudo dos arquétipos e observações do comportamento levou a identificar uma tipologia padrão, e com isso, os estilos cognitivos.

O uso da tipologia para compreender o comportamento humano verifica que os sujeitos possuem formas de perceber, julgar (avaliar) e agir na tentativa de adaptação ao meio. E buscar o autoconhecimento e adaptar-se ao mundo é forma de Jung pensar a Educação. Educar, para o autor é um processo relacional onde o que conta é a personalidade do educador, e não a técnica empregada em si mesma. Jung (2008b) destaca três tipos de educação:

a) educação coletiva: refere-se à transmissão de regras, princípios e métodos que tem natureza coletiva e garante vida em comum:

Na medida em que a índole individual do educando cede à natureza coletiva da atuação educacional, surge naturalmente um tipo semelhante ao de outro indivíduo, dotado originalmente de outra índole, mas que tem a mesma tendência a ceder. Caso existam mais indivíduos capazes de cederem dessa maneira, originar-se-á a uniformidade correspondente ao método empregado. Quanto maior o número de indivíduos semelhantes, ou formados de modo semelhante, tanto maior será a força coercitiva do exemplo que atua inconscientemente sobre os outros indivíduos que até então haviam resistido eficazmente ao método coletivo, quer tivessem razão ou não. Como o exemplo da massa exerce influência coercitiva por meio do contágio psíquico inconsciente, com o tempo isso forçará a extinção ou pelo menos a sujeição de todos aqueles indivíduos [...] Se for sadia a qualidade dessa educação, pode-se esperar bons resultados no tocante à acomodação coletiva do educando. (Ibid, p. 156)

b) educação individual: seu objetivo é desenvolver a índole específica de cada um, valorizando suas singularidades, imagem pessoal, para além da herança genética e do ambiente. Ele opõe-se ao que pretende a educação coletiva:

Todas as crianças ou educandos que apresentarem resistência invencível à educação coletiva, precisam ser tratadas de modo individual. [...] A singularidade mais comum é a capacidade de entenderem a matemática [...] Esta falta de capacidade para a matemática não representa, em sentido rigoroso, uma singularidade individual. Contudo, isto mostra de modo evidente como os programas de ensino podem pecar contra a singularidade psíquica de algum educando. O mesmo vale para os princípios educativos mais gerais; podem ser completamente inúteis ou até prejudiciais nos casos em que a singularidade psíquica do educando necessita exclusivamente de tratamento individual. (Ibid, p. 157-158)

c) educação pelo exemplo: se apóiam nos dois modelos anteriores, e ocorre espontaneamente e de modo inconsciente, em todos os âmbitos da sociedade e da família. Por meio dela o educando identifica-se psicologicamente com os pais e demais pessoas com quem convive:

... a educação inconsciente pelo exemplo se fundamenta em uma das propriedades primitivas da psique, será este método sempre eficiente, mesmo quando os outros métodos falharem; [...] quando porém, se veem colocados simplesmente em um grupo de trabalho, deixam-se por fim contagiar pelo exemplo dos outros e começam a trabalhar. É sobre este fato fundamental da identidade psíquica que se baseia afinal toda a educação; o agente eficaz, em última análise, será certamente esse contágio, que ocorre como que automaticamente. Este fator é tão importante que o melhor método educacional consciente pode, em certos casos, tornar-se completamente sem efeito, por causa do mau exemplo dado. (Ibid, p. 155)

Para Jung (2008b), nessa mesma obra, a verdadeira educação psíquica só pode ser transmitida pela personalidade do professor, pois o que conta, é aquilo que ele verdadeiramente é. Para que isso seja possível, é preciso que o educar também passe pelo processo de educação, mas o foco, porém, é outro. A educação está voltada para o *si-mesmo*, isto é, o autoconhecimento. Apesar de ser um fato óbvio a questão do exemplo do educador para o educando, muitas vezes, esse fator não é considerado. É possível encontrar diversos casos noticiados na mídia televisiva e eletrônica o mau uso da autoridade do professor para coagir, punir, e até obter favores (pessoais, emocionais e até sexuais) dos alunos. A partir desta prática, a quem se engana? Com isso, o processo educacional pelo exemplo e através do contágio psíquico (inconsciente) pode direcionar o aprendizado para a formação de valores morais e éticos duvidosos.

Portanto, a massificação do ensino a partir de referenciais externos de educação coletiva, concomitantemente com as práticas da educação pelo exemplo (negativo) tem criado toda uma rede simbólica de significado que compromete o desenvolvimento das habilidades das crianças, jovens e educando de todas as idades. Afinal, até mesmo nas universidades é

possível encontrar esse problema. Com isso, a valorização apenas do aspecto racional e pragmatista encontrado nas instituições de ensino tem levado o homem à unilateralidade. A supervalorização do racionalismo, em detrimento das outras habilidades humanas, como a sensibilidade, a criatividade, a intuição, tem trazido prejuízos não só no processo educacional, mas no desenvolvimento integral da personalidade.

Alguns dos resultados desta ênfase unilateral são as neuroses individuais e de massa que encontramos atualmente, com o perigo sempre presente de erupções explosivas. Os vícios do álcool, dos narcóticos e das “drogas para expansão da mente” também expressam uma busca de experiências emocionais que se perderam no decorrer da nossa extrema intelectualização. Mas não é apenas o vício do álcool e das drogas; o “vício do trabalho”, a “doença do gerente”, a necessidade compulsiva de sempre se ter algo para fazer a fim de parecer ocupado, também indicam a incapacidade do homem moderno de encontrar sentido na vida. (WHITMONT, 2008, p. 17)

Enfim, Jung em suas conferências ministradas ao longo de sua carreira alerta contra o entusiasmo pedagógico do educador ao pretender mudar as crianças, sem antes olhar para si próprio a fim de modificar-se. Visto que, guardando ele ainda a imagem da “criança interior”, precisa igualmente de ser educado. Desse modo, o caminho para a educação integral, que participa do processo de formação e desenvolvimento da criança, deve contar com a participação ativa do educador, chegando mesmo a dizer, de uma participação de si mesmo. O autor encerra sua idéia na seguinte frase:

... sou de parecer que, por outra parte, o coração do educador deve desempenhar uma tarefa cuja importância mal podemos avaliar devidamente. Recordamos com reconhecimento os professores competentes, mas sentimos gratidão em relação àqueles que se dirigiram ao nosso íntimo. A matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança. (JUNG, 2008b, p. 149)

4 PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS REVISITADAS

Com a intenção de valorizar o processo educacional que leve em conta o educando em sua experiência humana total, o principal uso da teoria da psicologia analítica nas práticas psicopedagógicas é quanto à aplicação da tipologia na definição dos recursos a serem utilizados na didática, relação professor-aluno e ambiente de aprendizagem.

A orientação tipológica seleciona o material a partir do qual se compõe a compreensão desse indivíduo. Na época e cultura atuais, a influência ambiental é exercida primeiro em direção à extroversão, à reflexão e à sensação. Muitas vezes notamos esses que uma adaptação tipológica distorcida foi forçada a ajustar-se a esses moldes. Os tipos mais sujeitos a sofrer em relação a isso – vítimas do atual viés cultural ocidental – são os pensamento e intuitivo introvertido. Ainda crianças, podem sentir-se malcompreendidos sendo facilmente desviados para uma tentativa de adaptação funcional que não lhes pertence genuinamente. (WHITMONT, 2008, p. 139)

Para a aplicação da tipologia deve-se levar em conta as diferenças existentes entre os próprios alunos e professores. Atualmente, as instituições de ensino privilegiam o método racional, avaliativo e a aprendizagem é reduzida a uma mera captação intelectual, como foi citado anteriormente, em detrimento do desenvolvimento de outras capacidades humanas, como a criatividade, intuição e o desenvolvimento de valores. O psicólogo Zacharias (2006) descreve a aprendizagem praticada pelas escolas:

... a aprendizagem reduzida a uma mera captação intelectual leva a uma dissociação entre o que é aprendido e a vida cotidiana e portanto a um aumento da alienação humana. [...] Além disso, ainda estamos presos à idéia de que conhecimento é algo que transita no campo da verdade intelectual em detrimento da prática, das relações pessoais e da criatividade. (2006, p. 93-107)

Para que seja possível a contribuição dos fundamentos da psicologia analítica com a educação é preciso delimitar as ações a serem tomadas pela equipe psicopedagógica da instituição. Segue, então, uma proposta com ações interventivas que objetivam trabalhar com os aspectos tipológicos na instituição.

4.1 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

O planejamento pedagógico deve estar pautado nas diferenças dos estilos cognitivos dos alunos e dos próprios educadores. Sendo assim, um programa já adotado por uma escola pode ser remodelado, adotando-se as seguintes orientações:

a) uso de recursos audiovisuais diferentes que visam atender as características específicas dos estilos cognitivos;

b) uso de ferramentas e materiais diversificados que possam promover a aprendizagem através de experiências práticas, vivenciais, enriquecidas de significado e sentido para o aluno;

c) estímulo à pesquisa científica sobre o conteúdo estudado em sala de aula. Opção de livre escolha quanto ao tipo de apresentação do trabalho (oral, escrita, maquete, musical, teatral, etc.);

d) criação de um projeto unificado que atenda a boa parte das matérias ministradas pela escola, de forma que o aluno possa fazer uso delas para executar o projeto. A proposta é fazer uso dos conteúdos que foram dados durante o ano e promover a integração dos conhecimentos;

e) abertura de um espaço de debate sobre ciência, onde possa criar um ambiente estimulante para a criação de novos conhecimentos, com uso da criatividade na aplicação de tecnologias (celular, twitter, sites de relacionamento) e que atendam a praticidade do dia-a-dia da população;

f) engajamento dos alunos em causas sociais, motivados pela arte, música, literatura, etc. e que promovam o desenvolvimento da comunidade onde a escola está inserida;

g) efetuar modificações nas formas de avaliação tradicional dos alunos, conferindo a produção acadêmica a partir das atividades individuais e em grupo realizadas. Criando inclusive, um sistema onde o aluno se autoavalia, co-participando do seu processo de desenvolvimento e avaliação;

h) possibilitar a co-participação dos educandos no processo de construção das propostas de ensino-aprendizagem, em conjunto com a equipe pedagógica. Uma avaliação no final do ano mediria o desempenho da escola, onde os alunos responderiam (no formato de questionário) sobre melhorias, sugestões e críticas correspondendo ao programa curricular adotado;

i) firmar parcerias entre empresas e ong's com a escola, para oferecer visitas a esses locais, com possibilidade de realização de palestras e cursos para os educandos, de modo a aproximá-los da realidade no mundo do trabalho e das causas sociais.

Quando o processo de aprendizagem se torna mais prático e o aluno consegue ver a utilidade do conhecimento adquirido, oferece maiores oportunidades de desenvolver as outras habilidades e estilos tipológicos.

4.2 RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ações sugeridas que podem contribuir com a melhoria na relação ensino-aprendizagem:

a) criar um espaço para a ouvidoria estudantil, onde o aluno pode buscar apoio e suporte nos próprios professores, para questões de assuntos diversos;

b) desenvolver um espírito de cooperação entre colegas de sala de aula através de aplicação de jogos dramáticos e de dinâmicas de grupo;

c) estímulo à realização de contatos com outros alunos de séries mais adiantadas e de outras escolas/universidades, promovendo a troca de experiência;

d) estimular a criação de canais de comunicação do grupo escolar com a equipe pedagógica, promovendo a divulgação e democratização da informação. Uso de ferramentas de comunicação digital ou confecção de painéis (mural) para ampliar a troca de comunicação entre essas duas instâncias;

e) valorização das regras sociais que defendem o respeito à individualidade e a lei do Direitos Humanos através de campanhas sociais, jogos, olimpíadas, feiras, etc.;

f) criação de uma comissão estudantil para avaliar os problemas e propor soluções no que tange aos problemas vividos por eles mesmos, como a violência, uso e tráfico de drogas, comportamento promíscuo, etc.

Promover a comunicação entre a instituição e o educando, dando incentivos a participação dele na construção da própria escola, desperta no aluno o engajamento com o seu próprio processo de ensino, tornando-o um ser crítico capaz de avaliar e sugerir melhorias.

4.3 CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

A necessidade de capacitação se faz necessária, pois o processo de educação começa a partir do momento em que o educador busca seu autoconhecimento, de acordo com Jung:

a) da equipe pedagógica, dos professores e funcionários da escola com cursos, jogos e mapeamento dos tipos psicológicos e seus estilos cognitivos;

b) promoção de *workshops* que gerem novos conhecimento e o autoconhecimento interior.

Um modelo intervenção que pode ser aplicado com a equipe de profissionais que trabalham na escola e educadores, é descrito num trabalho de grupo por Alt (2000), que pode ser adaptado segundo as necessidades da escola. A finalidade é trabalhar pequenas tarefas utilizando-se materiais relacionados simbolicamente com cada uma das funções (tipológicas). O uso também dos contos de fadas e dos mitos para trabalhar com as pessoas no grupo possibilita um fator energético, pois eles tem em comum um cunho fortemente emocional que marcam a coletividade. A energia do conto de fadas surge a partir de dentro do indivíduo para o mundo exterior, enquanto o mito parte do mundo exterior para o mundo interior do indivíduo. Dessa forma, o movimento energético (psíquico) coincide com a jornada do herói que todos buscam realizar na vida.

O herói é precursor arquetípico da humanidade em geral. O herói mostra um modelo de destino “que deve ser seguido e que, na humanidade, sempre o foi [...] o suficiente para que os estágios do mito heróico façam parte dos constituintes do desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo. [...] De fato todos nascem para serem heróis, uma vez que cada qual, dentro de sua própria história de vida, tem que enfrentar as potencias infernais para trazer de volta o tesouro. (ALT, 2000, p, 37-45)

Quando se apresenta um mito ou conto, o objetivo não deve ser esgotar seu conteúdo simbólico, pois muitas vezes se consegue apresentar poucas facetas de cada vez. Este modelo de intervenção no grupo de profissionais escolares pode auxiliar na questão do autoconhecimento e processo de individuação, discutido nos capítulos anteriores.

Assim sendo, o conto de fadas típico do herói serve de modelo para o indivíduo, para movimentos de idas e voltas tanto no mundo interno quanto externo, o que possibilitaria ao ego um reforço maior, através de uma maior autonomia pela tomada de consciência de conteúdos advindos do inconsciente, e possivelmente, um maior

poder de optar pela tomada ou não de consciência de todo o seu processo de individuação. (Ibid, p. 191)

Procedimentos sugeridos por Alt (2000).

- a) marcar um encontro no mesmo local, dia e hora, como forma de se estabelecer um pequeno ritual;
- b) definição de um local onde devam ficar os pequenos objetos simbólicos referentes ao trabalho com o conto de fadas/mito;
- c) apresentação do conto de fadas/mito de forma textual e oral, direcionando o trabalho a ser executado que melhor atenda as necessidade do grupo naquele momento (motivação, resgate de valores, empatia, trabalho em equipe, etc.)
- d) procurar a distinção de qual aspecto que está mais aparente, dentro do contexto enfocado no conto/mito. Em seguida, tenta-se observar o aspecto que mais está escondido, mostrando como o lado inconsciente do conto ajudou ou atrapalhou o personagem na sua jornada heróica.

A espinha dorsal do trabalho é fortalecer o ego para a tomada de consciência das questões pessoais que transitam no nível inconsciente, e através do contato promovido pelo uso dessa técnica, o sujeito pode dissolver sua unilateralidade e encontrar seu caminho para a individuação. A compreensão dos contos/mitos que é realizada pelos participantes pode ser traduzida em produção artística com elementos expressivos, que visam trabalhar aspectos tipológicos representando pelo:

- a) sentimento: uso de cores, pois elas demonstram as reações sobre a afetividade de uma maneira acentuada e marcante;
- b) sensação: está ligado à experiência dos sentidos básicos como visão, audição, tato, paladar e olfato. Nesse caso pode-se utilizar pintura usando partes do corpo, exercícios que estabeleçam contato visual com outras pessoas, atividades de estimulem a atenção em ouvir o timbre da voz humana, uso do recurso da música para desenvolver abertura aos diversos ritmos e experiências que ela nos lembre, experimentar sabores e seus significados bons e frustrantes do passado;
- c) intuição: uso de recursos como a chama da vela para queimar (purificar) significados;
- d) pensamento: exercícios com o pensamento e imaginação.

Mesmo quando os produtos finais como desenhos, pinturas, escritos, esculturas, dança, música produzidos não são interpretados pelo facilitador que conduz a dinâmica de grupo “...

algo ocorre entre o criador e a criatura que contribui para a transformação da consciência” (ALT, 2000, p. 196).

4.4 RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

Valorizar a participação da família nos eventos transforma a relação do aluno com a escola. Para isso, além de fortalecer o papel da APM (Associação de Pais e Mestres), oferecer:

a) às famílias eventos diversificados aos finais de semana (artes, esporte, lazer, cultura, cinema, debates, serviços de saúde como medição de pressão arterial). Oferecer serviços gratuitos podem ser feitos mensalmente ou bimestralmente, na medida do possível.

b) criar uma ouvidoria, um canal de comunicação da família com a escola sobre assuntos de educação, planejamento familiar, violência à mulher (crianças e idosos), uso de tráfico de drogas, etc.

5 CONCLUSÃO

A Psicologia Analítica não se destina apenas ao trabalho psicoterapêutico, pois ela abrange uma visão de mundo e um entendimento para a completude humana, para o processo de individuação. Ter abertura para compreender a psique mais do que com o pensamento racional não é só o intelecto e o pensamento, mas também a emoção, a sensação o sentimento e a intuição.

A importância do processo relacional entre professor-aluno é fundamental para o processo de aprendizagem, ficando o educador responsável por conduzir o desenvolvimento do aprendente. No entanto, a formação não se constitui apenas no aspecto cognitivo, mas também no desenvolvimento emocional, das habilidades sensoriais, imaginativo e criativo.

Os estilos cognitivos encontrados nas categorias tipológicas interferem na facilidade que o educando encontra ao construir o seu conhecimento. Na verdade, como foi exposto nesta pesquisa, o conhecimento não é uma experiência de acúmulo de informações e que podem ser medidas através de uma escala avaliativa. A aprendizagem a relação que acontece entre o sujeito e o objeto de conhecimento, e a partir daí, das experiências que vão surgindo, desenvolvimento ocorre gradativamente.

Por isso, o professor figura central, como ponte de acesso a aprendizagem. O busca por capacitação profissional não deve estar restrita apenas ao campo das técnicas e métodos pedagógicos, mas faz-se necessário o caminho do autoconhecimento, devido a estreita relação que se cria entre aluno e educador.

Pelo fato dos alunos depositarem todas as suas expectativas nesta figura, eles almejam encontrar um mundo novo, que lhes é apresentado pelo professor. Muitas vezes, a identificação que ocorre configura-se uma continuação do trabalho de educação que os pais fazem em casa, o educador, aqui, assume esse grau de importância para as crianças e jovens. Por isso, a importância de buscar o autoconhecimento, pois a educação pelo exemplo marca como o processo de aprendizagem vai acontecer, com sucessos ou fracassos a partir da relação da figura do educador e do aluno.

Promover a integração a integração de todos estes aspectos é a contribuição que Jung pode oferecer à Educação, a assim, fornecer uma nova perspectiva psicopedagógica para o profissional da área.

Este pesquisa não termina nestas linhas, mas sugere novos caminhos para o auxílio à construção do processo de aprendizagem, tornando-o muito mais humano e sensível, e respeitando as diferenças individuais de todos.

REFERÊNCIAS

- ALT, C. B. **Contos de fadas e mitos: um trabalho com grupos numa abordagem junguiana.** São Paulo. Vetor, 2000.
- FURLANETTO, E. C. **Formação contínua de professores: aspectos simbólicos.** Psicol. educ. [online]. dez. 2004, vol.19 [citado 04 Fevereiro 2009], p.39-53. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-6975.
- JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1984a.
- _____. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 1984b.
- _____. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Memórias, sonhos e reflexões.** Org. Aniela Jaffé. 1.ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. **O eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Tipos psicológicos.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- _____. **O desenvolvimento da personalidade.** 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.
- MEDNICOFF, E. **Dossiê Jung.** São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- NEUMANN, E. **A história da origem da consciência.** São Paulo: Cultrix, 1990.
- SEVERINO, J.A. **Metodologia do trabalho científico.** 22^a ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996
- SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra.** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- TEIXEIRA, M. C. S. O pensamento pedagógico de Jung e suas implicações para a educação. **Revista Educação – Especial Jung Pensa a Educação.** São Paulo, Ed. Segmento, 2008.
- WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica.** 8.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

ZACHARIAS, J. J. M. **Tipos**: a diversidade humana. São Paulo: Vetor, 2006.